

## OS ESPAÇOS E TEMPOS DE FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO ESCOLAR: O QUE REVELAM OS COORDENADORES PEDAGÓGICOS?<sup>1</sup>

Osmar Hélio Alves Araújo  
Universidade Regional do Cariri (URCA)  
osmar.araujo@urca.br

### Resumo

O contexto escolar é uma arena fértil para a formação contínua dos professores, cujas ações pedagógicas devem confluir para a materialização do aludido processo. Nesta perspectiva, a partir das demandas reais da referida instituição, os diferentes sujeitos que a compõe, dentre eles os coordenadores pedagógicos, deve empreender o processo de formação docente com vistas a desenvolver uma postura profissional investigativa, crítica-reflexiva, ou seja, consumir o processo formativo contínuo docente a fim de concatenar teoria e prática. Isto é, instigar o professor a atuar como pesquisador, investigador, transformando a sala de aula em laboratório de formação. Logo, esta pesquisa investigou os espaços e tempos de formação docente na seara escolar na perspectiva dos coordenadores pedagógicos. A pesquisa empírica envolveu três coordenadores pedagógicos de duas instituições públicas de ensino médio do município de Ipu (CE). Para a coleta de dados aplicou-se um questionário e três entrevistas semiestruturadas. Os dados obtidos deixam patente à insuficiência de momentos específicos para a formação contínua do professor, isto é, do número insuficiente de ações pedagógicas direcionadas à promoção permanente e sistemática da formação docente. Por fim, sublinhou-se que para a formação contínua do docente promover uma cultura de coletividade, é necessário que haja mecanismos que assegurem a participação dos professores no referido processo. Para isso, é essencial a definição de funções no desenvolvimento das atividades formativas, de modo que favoreçam o envolvimento dos professores. Nessa estrutura, os docentes devem ser convidados a atuarem, segundo suas peculiaridades, competências e responsabilidades, de forma que as atividades concentrem-se na sua finalidade primária de contribuir para a qualificação do docente.

**Palavras-chave:** Coordenador pedagógico. Formação docente. Contexto escolar.

### Introdução

Exercer a função de CP<sup>2</sup> exige atitude pedagógica formativa docente. Decerto, para promover a formação contínua dos professores, é preciso o CP sair de si mesmo e permanecer no meio deles, acompanhando-os nas suas práticas pedagógicas. Assim sendo, transformando atitudes comuns em atividades pedagógicas. Deste modo, ao receber os professores, interessar-se por suas histórias, saberes e experiências, dentre outras coisas, já acontece uma ação pedagógica formativa docente.

---

<sup>1</sup> Este artigo faz parte da dissertação de mestrado: “Formação docente, professor coordenador pedagógico e contexto escolar: diálogos possíveis”, desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro, Universidade Federal do Ceará (UFC), 2016.

<sup>2</sup> Neste corpo teórico, optou-se pela abreviatura CP para referir-se ao coordenador pedagógico, profissional, integrante do núcleo gestor, incumbido, no espaço escolar, pelas questões pedagógicas.

Este texto disserta a respeito das ações geridas pelo CP, visando, sobretudo, sublinhar que a prática pedagógica do referido profissional deve buscar, junto com a população docente, soluções que ultrapassem as barreiras das salas de aulas e que fomentem a inovação, a transformação dos processos de ensino e de aprendizagem.

Metodologicamente, adotou-se a abordagem qualitativa, uma vez que ela oportuniza, à luz de um contexto e um dado espaço temporal, a concatenação com o objeto de estudo e a compreensão e análise dos fatos (MINAYO, 2008). Como técnicas viabilizadoras para a realização desta pesquisa, utilizou-se um questionário com questões fechadas e abertas e três entrevistas semiestruturadas com três coordenadores pedagógicos que integram o núcleo gestor<sup>3</sup> de duas instituições públicas de Ensino Médio da rede estadual do Ceará, mais especificamente do município de Ipu, nas quais os referidos profissionais coordenam as ações pedagógicas, dentre elas a formação contínua do docente.

Os sujeitos da pesquisa serão aqui identificados, como: CP Dayan, CP Ana Clarice e CP Pedro<sup>4</sup>. Optou-se pelos referidos profissionais por: apresentarem mais de cinco anos de experiência correlata à gestão escolar, coordenação pedagógica, assim como mais de oito anos de exercício no magistério, pois é necessário considerar que as experiências docentes apinhadas no decurso do exercício docente contribuíram qualitativamente ao responderem as inquietações latentes no âmago desta pesquisa. No que concerne ao campo da pesquisa, tratam-se de duas instituições públicas, dentre as quatro escolas de Ensino Médio do município de Ipu, vinculadas à Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC, geridas pela 5ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE 5, com sede em Tianguá/CE.

## **Análise e Discussão dos Resultados**

Visando investigar a existência de momentos específicos concernentes às ações formativas, práticas pedagógicas de formação docente, materializadas no interior das escolas, campo da pesquisa, foi coerente apresentar aos CPs a seguinte indagação: quais as atividades que você executa na escola e com que frequência? As respostas dos mesmos podem ser lidas no quadro abaixo:

---

<sup>3</sup> Núcleo Gestor é um colegiado formado pelo diretor, coordenador pedagógico, coordenador de gestão, coordenador administrativo financeiro e secretário escolar.

<sup>4</sup> Os respectivos pseudônimos foram alçados a partir do questionário aplicado com cada CP.

**Quadro: 05 As ações geridas pelo Professor Coordenador Pedagógico *versus* momentos específicos de formação docente**

|                        |  |
|------------------------|--|
| <p><b>CP Pedro</b></p> | <p>[...] os planejamentos dos professores por área; [...] visita as dependências da escola com relação a verificar se <i>tá</i> tudo ok; com o andamento em sala de aula; a limpeza do colégio. Acompanho também a infrequência dos alunos [...]; preocupo-me com relação, juntamente com a diretora, com os alimentos, se os alimentos estão em dia, se não tem nada vencido. Também verifico com relação à higiene dos banheiros; visito as aulas frequentemente [...] se está tudo ok, se os alunos estão aprendendo direitinho; também nas reuniões da CREDE estamos sempre presentes quando somos chamados. Aqui tem uma ação muito grande com relação ao SPAECE e ao ENEM<sup>5</sup>, de dois em dois meses aplicamos um simulado do SPAECE e também do ENEM, para preparar bem os alunos, acompanhamos os diários dos professores, também o livro de ponto e os rendimentos dos alunos bimestralmente, quando eles entregam as notas.</p>  |
| <p><b>CP Dayan</b></p> | <p>O suporte ao professor que é algo diário. Então, todos os dias os professores chegam para nós com demandas, situações das mais diversas, tanto da sua prática, situações que eles precisam do suporte do coordenador, assim como situações que envolvem os alunos, como: problemas de rendimento, frequência e problemas disciplinares. Então, no dia a dia trabalhamos com essas situações e, como eu já citei, existem outras rotinas, como: na segunda nós sentamos para planejar a semana; na terça-feira destinamos um tempo para o Projeto Jovem de Futuro, do qual eu sou também coordenador [...]. Na quarta eu já sento pra ver a questão da infrequência, também gosto muito de acompanhar a frequência dos alunos, verificando os faltosos e busco entrar em contato com eles, com os pais para saber o que está acontecendo. Às vezes, infelizmente, estamos <i>se</i> deparando com problemas de alunos que estão querendo se evadir da escola por problema de simplesmente não querer, estão desmotivados. Então, tentamos conversar com ele, com os pais, para tentar motivá-lo, resgatar esse aluno. Tem muito sucesso, mas infelizmente em algumas situações, não conseguimos resgatá-lo. Dia de quinta-feira é a formação, o planejamento por área que eu acompanho: ciências da natureza e matemática; e na sexta, geralmente, aquelas demandas que ainda ficam [...].</p> |
|                        | <p>[...] o dia a dia da escola é, assim, muito dinâmico, porque é para eu estar no planejamento na terça e na quarta-feira, mas eu não fico só no planejamento, porque a escola exige que eu resolva algum outro problema. É assim na nossa escola, não sei se a cultura já vem desde antes, nós resolvemos tudo, acho que toda</p>  |

<sup>5</sup> O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Criado em 1998, tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=183&Itemid=310](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=183&Itemid=310) Acesso em: 19 out. 2015.

|                       |  |
|-----------------------|--|
| <b>CP Ana Clarice</b> | escola do Estado é assim, é problema familiar dos alunos, problema psicológico dos alunos, todos esses problemas eles nos procuram. Então, é muito ativismo fora do nosso trabalho, da nossa função, realmente, entendeu? Temos essa visão e até a CREDE tem essa visão, de que o coordenador pedagógico é muito atarefado, porque a escola exige isso da gente, ao mesmo tempo em que temos que dar conta da parte pedagógica, do planejamento, nós temos o ativismo por outro lado, que é o dia a dia da escola, as coisas corriqueiras que acontecem. |
|-----------------------|--|

Fonte: Elaborado a partir da entrevista concedida pelos CPs

Os depoimentos do CPs são reveladores no que se refere à insuficiência de momentos específicos para a formação contínua do professor, isto é, do número insuficiente de ações pedagógicas direcionadas à promoção permanente e sistemática da formação docente. Logo, mais uma vez, a CP Ana Clarice corrobora com essa assertiva realçando que além do planejamento e do PACTO, não há outros momentos específicos de formação docente na escola. Verificou-se, contudo, que os entrevistados mencionaram as referidas ações tangencialmente, demonstrando, então, a necessidade de ações pedagógicas, formativas, ou seja, espaços e tempos de formação docente capazes de intervir na prática pedagógica dos professores, visando, sobretudo, transformá-las.

O quadro anterior apresenta relação com os regimentos das escolas investigadas, visto que, como já assinalado, os referidos documentos não asseguram aos professores um processo de formação contínua mediado pelo CP. Todavia, Franco (2008, p. 130) adverte que “[...] é preciso tempo e prudência para modificar as práticas pedagógicas amalgamadas historicamente [...]”. Deste modo, é legítimo acentuar que o referido processo de materialização de ações pedagógicas transformadoras das práticas docentes reclama, portanto, um profissional, o CP, que atue como mediador e instigador de uma cultura que leve os diferentes sujeitos que compõe a arena escolar a perceber que a instituição pode e precisa ser transformada. Nesse passo, os CPs Ana Clarice e Pedro, ao serem indagados: das atividades que você executa, em qual(is) você mantém mais o foco e por quê?, afirmaram:

[...] o meu foco é o rendimento, [...] a indisciplina dos alunos. Outra coisa também é o horário dos professores, não é querendo falar dos professores, não, porque eu sou professora, mas, quando a gente está na gestão, temos, queira ou não queira, sempre um professor que não corresponde. Eu sempre presto atenção nas aulas, dou uma volta pra ver se está acontecendo direitinho, se está tudo bem na aula [...]

fora isso, não tem uma coisa, fora o rendimento, que me chame, me busque mais. (CP ANA CLARICE).

[...] eu mantenho mais o foco é com relação à infrequência dos alunos, os rendimentos. Porque a preocupação maior é com relação se não está havendo desistência, o porquê que eles estão faltando, uma preocupação muito grande com relação aos nossos jovens, porque os mesmos estão defasados na escola, qualquer coisa eles desistem. Pessoas, alunos de quinze anos de idade, se casam e deixam de estudar, a gente tem a preocupação de estar buscando. A criação deste projeto agora pelo Estado, Projeto Diretor de Turma, dá um suporte à coordenação, tem o professor só pra acompanhar também esses casos, nos ajuda bastante. (CP PEDRO).

Percebe-se, a partir dos depoimentos dos entrevistados, que uma das suas preocupações está ligada essencialmente à frequência e ao rendimento dos alunos; em contrapartida, não se verifica em suas assertivas a mesma preocupação com a formação contínua do professor. No entanto, a escola precisa não só ampliar-se com o objetivo de atender à universalização do processo de escolaridade, mas também não hesitar em relação à necessidade de análises sistemáticas que possibilitem a identificação de seus erros, acertos e a reconstrução do processo escolar, à medida que se consolida em uma formação docente eficaz e coerente com o momento histórico vivido. Isto é, sem professores bem preparados a partir de processos pedagógicos e um conjunto de conhecimentos científicos, adequados às necessidades da vida atual, o ensino não poderá ser regenerador e eficaz.

Entretanto, o CP Dayan apresenta uma importante afirmação a respeito das atividades que o mesmo executa, em qual(is) mantém mais o foco e por quê. O mesmo assim se expressa:

Considero que o grande desafio hoje, que é uma consequência da desmotivação do aluno e isso leva a uma desmotivação também do professor, é tentar contribuir com o professor para que ele possa fazer diferente. O professor está desmotivado, justamente devido à falta de motivação dos alunos. Então, eu tento manter o foco, em traçar, juntamente com o professor, estratégias, práticas que busquem envolver o aluno, fazer com que ele volte a ter motivação, a se conscientizar [...] da importância que a educação tem na sua vida. Outro grande desafio é a questão da formação, de trazer algo para os professores, porque está sendo tipo alguma coisa em cadeia, os alunos desmotivados, em consequência os professores se desmotivam. Logo, se vamos trabalhar um assunto, abordar, discutir um tema, percebemos os professores dispersos [...]. (CP DAYAN).

As reflexões tecidas pelo CP Dayan reiteram a necessidade de investimentos na formação do professor com vistas à mobilização de saberes pedagógicos necessários para dar sentido ao exercício da profissão. Sendo, portanto, a formação contínua do docente um caminho por meio do qual é possível fazer eclodir transformações nas práticas pedagógicas, com âncora em um processo de reflexão crítica a partir do próprio fazer docente. Nessa mesma direção, Silvestre e Placco (2002, p. 31), em relação ao CP no processo de corporificação de uma reflexão crítica com arrimo nas práticas pedagógicas, afirmam que: “[...] deve sugerir um exercício em que os professores possam perceber, antes de tudo, a finalidade de seu trabalho, assim como sua natureza teórico-prática”. O que corrobora com as contribuições de Franco (2008a), quando afirma que se faz legítimo assinalar que coordenar as ações de caráter pedagógico no contexto escolar é ser o mediador interpretativo das teorias tácitas na práxis docente, assim como das suas transformações, as quais devem ser cada vez mais permeadas por um caráter emancipatório.

Os Cps, a respeito do trabalho de coordenar as ações pedagógicas, enfatizam que é:

**Quadro 06: O trabalho de coordenar as ações pedagógicas na perspectiva dos Professores Coordenadores-Pedagógicos**

|                       |  |
|-----------------------|--|
| <b>CP Pedro</b>       | [...] o acompanhamento com relação ao desempenho dos professores, ao aprendizado, ao rendimento e à infrequência dos alunos, tudo faz parte deste conjunto pedagógico, mas, principalmente, o acompanhamento que nós devemos dar aos professores, para que eles desempenhem bem o seu trabalho.                  |
| <b>CP Ana Clarice</b> | Coordenar, pra mim, é acompanhar, estar verificando. Estar verificando é verificar mesmo, se está acontecendo, se o trabalho está fluindo, porque não adianta fazermos um planejamento se não vai ser executado, é ver acontecer a execução do que foi planejado.  |
| <b>CP Dayan</b>       | Coordenar um leque de ações que se inicia desde a concepção, planejamento, execução, acompanhamento e avaliação e, se necessário, recomençar todo o ciclo de novo. Procuro, dessa forma, que isso é algo constante, não termina com a avaliação, corrigir aquilo que está errado e dar continuidade ao processo. |

Fonte: Elaborado a partir da entrevista concedida pelos Cps

Nesta perspectiva, ressalta-se que o exercício de coordenar as ações, a partir de um solo fluído de pressupostos pedagógicos, reclama do CP uma postura política, pedagógica, ética e comprometida com a transformação da educação. Nesse sentido, Franco (2008, p.128) afirma que



“[...] coordenar o pedagógico será instaurar, incentivar, produzir constantemente um processo reflexivo, prudente, sobre todas as ações da escola, com vistas à produção de transformações nas práticas cotidianas”.

Fica evidente que o CP, por meio das ações pedagógicas, imprimirá nos contornos da arena escolar uma dinâmica transformadora e materializada pelos diferentes sujeitos que a compõem, uma vez que devem assumir-se como sujeitos conscientes da teoria que a produz. Isto é, estabelecer a necessária relação teoria e prática por meio da reflexão crítica, sem a qual a teoria e a prática perdem o sentido, ou seja, compreender que “Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática” (FREIRE, 1996, p. 39).

Repensar as práticas pedagógicas é, sobretudo, materializar um exercício de esquadramento crítico, identificando as fragilidades dos processos de ensino e de aprendizagem, e tomar o mesmo como ponto de partida para orientar a readequação da prática pedagógica em consonância com as necessidades dos discentes. Além disso, coordenar as ações de cunho pedagógico é contribuir para diminuir a pobreza atual que permeia as práticas pedagógicas, pois, como aponta Nóvoa (1999), esta emerge, na maioria das vezes, de uma visão curricular rígida e fincada na mercantilização de livros e materiais escolares vinculados a grandes empresas. Neste sentido, cabe ao CP propiciar condições para que os professores ensaiem, planejem, materializem experiências profundas de assumir-se como atores e autores de suas práticas.

Em relação às ações pedagógicas, Domingues (2014) adverte que há na escola uma visão distorcida de que tudo na escola é pedagógico e, entretanto, tudo passa pela responsabilidade do CP. Contudo, a mesma autora (2014, p. 114) assinala que “[...] tudo pode ser pedagógico quando o aluno e o conhecimento tornam-se o centro das reflexões e das ações do coordenador”. Nesta perspectiva, cabe ao CP gerir ações que reúnam o fazer e saber docente aos âmbitos cultural e social dos professores, bem como entre teoria e prática, de modo a legitimar processos de ensino e de aprendizagem qualitativos, pois esse deve ser o foco do campo pedagógico. Nessa mesma direção, é legítimo sublinhar que coordenar as ações pedagógicas é estar essencialmente focado na organização, sistematização e transformação da práxis docente (FRANCO, 2008).

Em síntese, compreender com seriedade as necessidades dos professores, seus respectivos alunos e a sociedade na qual os mesmos estão inseridos, é condição essencial para o êxito do gerenciamento das ações pedagógicas. Essa compreensão transita necessariamente pelo contexto contemporâneo, permeado por transformações correlatas aos avanços tecnológicos e intervenientes na área escolar. Entretanto, trata-se de compreender a formação contínua do professor como uma

prática inerente ao seu cotidiano, em uma perspectiva de ressignificação constante da prática pedagógica. Isto é, o professor interagindo com a realidade, dialogando com o mundo e atribuindo sentido à sua ação.

Com isso, os conteúdos abordados nos encontros de formação devem orientar os professores em uma perspectiva de transformação do cotidiano escolar. Não se trata, portanto, de discursos extenuantes, doutrinação, nem tão pouco de uma aula ou espetáculo de motivação, pautados em dinâmicas e reflexões interligadas essencialmente ao campo motivacional. Trata-se de dar fervor e significado aos momentos de formação, com mediação pedagógica ancorada no diálogo, assim como critérios éticos que devem guiar e orientar a atuação do CP no cotidiano escolar.

Com efeito, a organização da vida pedagógica da escola pode ser aprimorada com a utilização de inúmeros recursos tecnológicos que favoreçam a dinamicidade, a comunicação, a interação. Cabe ao CP apropriar-se de tais aparatos e utilizá-los criativamente nas atividades pedagógicas de modo a corresponder às necessidades dos professores, enquanto sujeitos imersos no contexto contemporâneo. Assim como, integrar os referidos recursos às práticas, eventos, projetos do cotidiano, com atenção especial a não induzir o uso dos mesmos de forma inapropriada, ou como quem impõe ao professor a obrigação de interligar-se à esfera tecnológica, mas como quem indica mais uma via, um horizonte que requer uma resposta livre e entrincheirada por formação.

Portanto, é essencial assegurar a participação da população docente no desenvolvimento da sua própria formação. Sem, contudo, coações de qualquer ordem, visto que garantir a liberdade e as condições necessárias, como tempo para estudos, incentivo salarial, recursos materiais, são indispensáveis para garantir a participação assídua de todos. Não se trata somente de distribuir ou tornar recursos, principalmente tecnológicos, acessíveis, mas de assentar os professores na condição de sujeitos do conhecimento, pois todos têm o direito de participar ativamente na execução da formação na qual está inserido.

### **Considerações finais**

Considerando a discussão empreendida, cabe salientar, por fim, que para a formação contínua do docente promover uma cultura de coletividade, é necessário que haja mecanismos que assegurem a participação dos professores no referido processo. Para isso, é essencial a definição de



funções no desenvolvimento das atividades formativas, de modo que favoreçam o envolvimento dos professores. Nessa estrutura, os docentes devem ser convidados a atuarem, segundo suas peculiaridades, competências e responsabilidades, de forma que as atividades concentrem-se na sua finalidade primária de contribuir para a qualificação do docente. Em suma, é preciso favorecer ensejos de debates, diálogos, troca de experiências como verdadeiros tecidos de formação, comunicação autêntica e conexões que favoreçam a transformação das práticas pedagógicas dos professores.

## Referências

DOMINGUES, I. **O Coordenador pedagógico e a formação contínua do docente na escola**. São Paulo: Cortez, 2014.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. Coordenação pedagógica: uma práxis em busca de sua identidade. **Revista Múltiplas Leituras**, São Bernardo do Campo, SP, v.1, 135 n. 1, p. 117-131, jan. / jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, C.; DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 27. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (org.) **Profissão professor**. 2.ed. Porto-Portugal: Porto Editora, 1999. p. 13-34.

SILVESTRE, Magali Aparecida; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. O coordenador pedagógico e as práticas de sala de aula. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO- ENDIPE, XVI, 2012, Campinas. **Anais**. Campinas: UNICAMP, 2012.